



Viagem à Guatemala

Há sempre os lugares no mundo que a gente tem certeza que irá um dia ou, ao menos, tem muita vontade de ir.

Há os outros... Aqueles sobre os quais não fazemos planos, mas se pintar, ok, por que não?

A Guatemala estava, para mim, no segundo grupo, em que pese sempre haver o sonho em acalanto de percorrer por inteiro a Rodovia Pan Americana, que também corta este país e recebe aí o nome de Interamericana.

Participar de International Congress of Americanists, em El Salvador, abriu a oportunidade de uma pequena viagem ao país vizinho para conhecer a terra dos guatemaltecos, que muitos séculos antes fora dos maias.

Minha experiência de Centroamérica, como eles chamam seu subcontinente, é muito reduzida. Havia passado 15 dias em Cuba há três anos e essa era a referência, a partir da qual construi hipóteses sobre a Guatemala. Há semelhanças sem dúvida, mas há muitas diferenças. De fato, por incrível que pareça, aqui e ali, achei muitas coisas, neste país, parecidas com a Índia e o Nepal. Que miscelânea não?

Explico-me. Dois ou três dias não dá para perceber muita coisa de um país, de sua história, de sua cultura....

A gente capta uma coisa ou outra, fica muito no contextual, sem chegar ao estrutural. Já escrevi em mais de um diário de viagem que o turista compõe uma fauna à parte. Ele, via de regra, é superficial, como as circunstâncias obrigam, mas não é, por isso, cauteloso como deveria ser. Sai fazendo diagnósticos e comparações, como estas que fiz nas linhas acima. Peço desculpas aos leitores, mas abuso do direito de ser turista nestes diários.

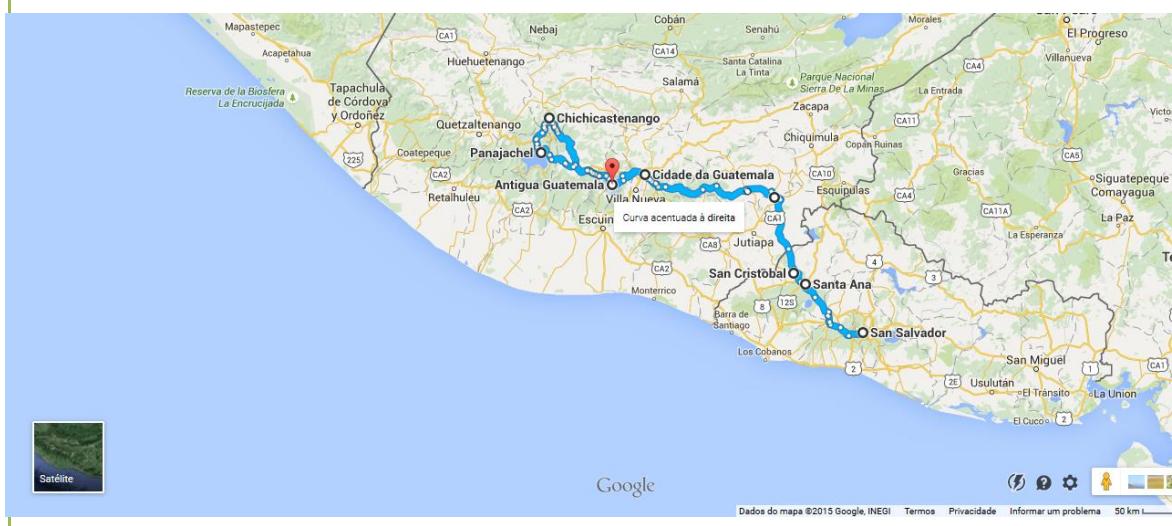
Da Índia, a Guatemala me faz lembrar as formas de assentamento humano. Na parte que conheci do país - apenas uma parcela deste território que faz divisa com o México, Belize e El Salvador - observei que, ao longo da estrada, há sempre muitas construções, cujas funções residenciais e comerciais não são fáceis de serem distinguidas entre si, como tampouco se sabe quando termina o urbano e começa o rural.

Durante todo o percurso pelas rodovias, as placas que recomendam que se dirija devagar, pareciam-me totalmente inócuas, pois não há como passar dos 80 km por hora nos trechos de autopistas e, nas estradas simples, mal se alcança a metade desta velocidade média, por mais que se corra.

Enfim, é grande a densidade ocupacional e há intensa mistura entre o espaço do automóvel e o das pessoas, assim como tinha observado na Índia.



O trecho que percorremos entre San Salvador e Antigua, que é de pouco mais de 250 km, exigiu seis horas de estrada. Mal passávamos por um povoado, retomávamos a velocidade e já vinha outro, com mais construções e mais gente andando às margens da rodovia.



Tenho grande dificuldade de compreender a natureza desta forma de assentamento. Há partes do território que se tem a impressão que toda a população está vivendo em habitat concentrado e afora estes aglomerados, dos menores à capital, tem-se apenas áreas florestadas. Depois, observando-se um pouco mais, nota-se algumas residências dispersas em áreas de plantio de alimentos, denotando o que se poderia chamar de uma agricultura de subsistência, em que predomina o cultivo do milho. O que impressiona muito mesmo é a quantidade de gente que se vê ao longo das rodovias mais importantes às mais secundárias.

As coincidências com a Índia não param por aí. Os meios de transporte público utilizados são muito parecidos nos dois países. O que os indianos chamam de 'tuk tuk', pequenos veículos com motor de dois tempos, que mais se parecem uma motocicleta com três rodas e carroceria, também são os taxis na Guatemala. Estão por todas as cidades e circulam, inclusive, nas rodovias. Devem ser um meio de transporte oficial, visto que todos estão pintados de vermelho. Não os vi tão cheios de passageiros como na Índia, onde chegamos a observar um que carregava simultaneamente oito pessoas.





Os ônibus que circulam nas cidades e entre elas compõem um número à parte. São herdados dos Estados Unidos, como depreendi, ao passar por oficinas onde se via os tradicionais veículos amarelos de transporte escolar estadunidense sendo caracterizados para a América Central. Isso mesmo - caracterizados - porque, neste caso, não caberia dizer, apenas, que são pintados, uma vez que, efetivamente eles fantasiam os ônibus. Deixam-os multicoloridos e, como se isso fosse pouco, equipam-os com conjuntos de luzes de várias cores, que piscam e se alternam a qualquer momento, sendo impossível reconhecer quando isso significava que o ônibus estava sendo brecado ou quando se tratava apenas de chamar atenção sobre sua passagem, por demais barulhenta, para que não fosse percebida.

Vários deles têm escrito, nas laterais, um nome que julgava fosse o da empresa ou do destino do veículo, quem sabe de seu dono. Depois, observando que vários têm denominações femininas e são conduzidos por homens, conclui que era, de

fato, o nome do próprio veículo. O que mais gostei foi o Samantha, que não consegui fotografar, infelizmente.



Eles seguem sempre lotados. Além do condutor, há um cobrador que, simultaneamente, exerce o papel de 'elevar' as bagagens de todo tipo para o teto do Ônibus, onde elas seguem se nutrindo da fumaça de óleo queimado que o veículo da frente vai expelindo. Pensam que eles são lentos? Qual nada. Nas rodovias, valentemente ultrapassavam o nosso Hyundai locado na Avis e, aí de nós, se discordássemos dessa iniciativa, porque eles gozam de certa magnanimidade nas rodovias guamatelcas, ou seja, sempre têm direito a entrar e sair das estradas, sem dar sinal, parar quando você menos espera, mesmo que seja no meio da pista e ultrapassar pela direita como, aliás, todos fazem.

Ficamos nos perguntando por que todos os veículos, sejam

lentos ou rápidos, na auto pista, seguiam pela esquerda, deixando livre a da direita para ultrapassagens. Depois de alguns dias foi possível construir uma hipótese explicativa: como, ao longo das vias, há muita ocupação e, sempre, muita gente circulando a pé, a pista da direita é extremamente perigosa, razão pela qual todos os motoristas, em que pesem as normas internacionais de trânsito, decidiram que aqui, na Guatemala, é diferente!

Pensando bem e observando como eles transportam mercadorias neste país é melhor que os veículos trafeguem pela pista da esquerda, assim os pedestres se protegem de algo que possa ser projetado de cima da carga “tão bem arrumadinha” e os que vão na boléia do caminhão não correm perigo de cair sobre os que estão andando a pé na pista. Tem sua lógica!



O país todo tem mais ou menos 15,5 milhões de habitantes. Afora o que observei na Cidade da Guatemala, a capital de cerca de 2,5 milhões de habitantes, a maior parte das mulheres que vivem em outras cidades, ‘pueblos’ e ‘poblados’ vestem roupas que se parecem muito com as que conheci no Nepal, tanto na trama como no modelo e no colorido.

Usam saias que são enroladas no corpo, a partir de panos

tecidas, geralmente com listas e pequenos desenhos. Elas são fixadas com um cinto que se sobrepõe a elas, também ele todo desenhado. Na parte superior do corpo, usam uma espécie de poncho curto, como os que estão ao lado do título deste texto, que é feito de um tecido que pareceu mais grosso ainda, ao qual, além da estampa efetuada no tear, são sobrepostas flores e desenhos maias bordados em tons coloridos fortes.

É uma vestimenta grossa, porque as altitudes, na Guamala, são elevadas em várias partes do território e as temperaturas são, assim, amenas, mesmo no verão. Quando chove, sente-se o vento gelado e se comprehende porque as guatelmatecas têm alguma similitude, nos trajes, com as nepalesas.





Os guatemaltecos chamam seu país de 'Guate'. As estradas estavam cheias de propaganda eleitoral fazendo chamadas do tipo "Avate Guate", "trabalhando por Guate", "pelo futuro de Guate". Olhando para o estilo dos candidatos nos outdoors chamou a atenção que, contratando com a etnia maia impressa na fisionomia, no corpo e nas vestimentas da maior parte dos guatemaltecos, só há brancos concorrendo aos cargos majoritários. Se a quantidade de propaganda pode ser um indicador os dois maiores partidos são o Líder (Libertad Democrática Renovada) e a UNE (Unidad Nacional dela Esperanza).





Fontes:

<https://www.google.com.br/search?q=vestimenta+guatemala+mujer&client=tar>
<http://www.taringa.net/post/ciencia-educacion/11315833/Los-22-Trajes-Tipicos-de-Guatemala.html>

<http://www.deguate.com/artman/publish/cultura-vestimenta-guatemala/vestimenta-de-guatemala.shtml#.VavsmGNp7jv>

Carminha Beltrão

Julho de 2015